

O DOMINGO.

SEMANARIO CRITICO E LITTERARIO.

Editor—Joaquim Domingues de Azevedo.

ANNO II.

Este jornal publica-se aos domingos—Assigna-se, a 25000 por trimestre, na typographia do *Paiz*, largo de Palacio n.º 17. As assignaturas são pagas adiantadas.

Numero 49.

O DOMINGO.

S. LUÍZ, 25 DE DEZEMBRO DE 1873.

Com este numero finda—o ultimo trimestre do segundo anno do *Domingo*.

Como já tivemos occasião de dizel-o, a litteratura de um povo é o seu mais sólido padrão de gloria; porém, si uns pensam como nós, outros julgam o contrario e por isso a ventos esquerda, mesmo despresada pela mór parte da intelligencia maranhense!

Quantas difficuldades, quantos tropeços não encontra o *Domingo* nos seus annos que conta de existencia! E por que? Pergunta a todos manobros que devião fazer a gloria do nosso paiz porque buscam a litteratura como um entretenimento material; perguntae em que elles empregam as suas horas de recreio; ali tereis a causa desse esprecimento, desse desprezo.

Bludidos que são!

Não veem elles o tempo precioso que deixão fugir, e não temem um arrependimento tardio. *Pobres moços!* fazei-vos surdos aos nossos convites; embora, nós nunca deixaremos de bradar-vos aos ouvidos—Instrui-vos! Instrui-vos e mais tarde tereis a recompensa do vosso trabalho.

CORRESPONDENCIA DO DOMINGO.

Corte, 1.º de dezembro.

Esta corte esteve transformada em uma pequena Hespanha, graças ás *monumentosas* questões que ora agitam o espirito publico.

A municipalidade concedeu como privilegio o serviço do asseio publico a uma empresa que não estava habilitada para tomal-o a seus hombros, por amor da *quebradeira*, o que fez com que o lixo se accumulasse nas casas particulares. A população pediu conselhos ao desespero, na phrasede um dos redactores da *Reforma*, e agora o verã: depois das 10 horas da noite ninguém podia, sem risco de atolar-

se em uma cordilheira de lixo, passar pelas ruas da cidade. Depois queimavam-no, esse lixo, e saltavam em pandega os vadios sobre as innumeras fogueiras, o que fez com que tivessemos neste anno mais uma noite de S. João, em novembro.

Na rua do Ouvidor, de dia perfumada pelos odoríferos extractos que se despedem das sêdas das senhoras que alli transitam; na *sala de visitas* da cidade, como já ouvi chamal-a; a rua do luxo e da vaidade, do *coquetismo* e das novidades do dia; na rua, vê-m-se á noite negueiros certos yellos e velhas barrias de couza podre; colchões, gigos, esteiras, farrapos, etc! Esses farrapos, esteiras, gigos, colchões e couzas podres, entregam-se ás chammãs, debaixo de uma neutralia de cacos de garrafas e de pedaços de pau, muita gente de gravata lavada, como se costuma dizer.

Em toda essa porcarias tem intervido a cavallaria, e ao som de muita gritaria, dão muita pancadaria. O povo tem acudido ás bernardas; não faltam aglomerações, prisões, discussões, contuzões e vivas á Republica.

Tudo por causa da remoção do lixo!... Sufa!

—Os estudantes por seu lado têm também provocado asiras da policia, que não se lhes mostrou muito condescendente.

—Uma das novidades mais importantes que lhes posso dar-é a descoberta de uma grande commundita, que tem praticado as maiores e mais audazes ladroenrias. Reporto-me, porém, aos jornaes, que mais circumstanciada resenha lhes podem dar.

—O conselheiro Saldanha Marinho reuniu em um livro os eloquentes artigos que, sob o pseudonymo de *Ganganelli*, tem publicado com o titulo *A religião e o estado, em defeza da Maçonaria*.

—O Dr. J. V. Couto de Magalhães publicou um interessante opusculo sobre a Antropologia do Brazil, que intitulou *Os Selvagens*. Ainda que de estylo pouco castigado, é um excellente trabalho.

—Por autor anonymo foi também publicado um livro que se diz *romance historico*, e tem por titulo *Maria da Conceição, a victima do descubridor Fontes Visgueiro*. É um acervo de petas, imaginadas por algum especulador. O galan do romance chama-se Dr. César. Diz o incognito autor que é um *psicoterapeuta*.

—Mais uma publicação. *Curiosidades*, pelo Dr. Mônica de Azevedo. Entre essas curiosidades, algumas das quaes nada tem de curiosas, vem um soneto fido por D. Pedro I.; transcrevamo, para ver o leitor que si o imperador era um bom soldado, era um pessimo poeta tambem!

Deus eterno porque no araldico
A minha muito amada imperatriz
Tua divina conta e assim o quiz,
Salve que o meu coração dilacerou,

Tu do certo cestra minha fronte,
Eu não sei o motivo, nem que fiz,
E por isso direi com o que diz:
«Tu não desiste, Senhor, tu não tirastes».

Ella m'anaya com o maior ardor,
Eu nella admirava a sua bonacidade,
Sinto na a coração por fim quebrar e de dor.

O mundo nunca mais verá em outra idade
Um modelo tão perfeito, nem melhor,
D'honra, coadura, harmonia e caridade.

E que tal o imperial soneto? Não é isto uma *curiosidade* muito *curiosa*?

—Aparecen ha quinze dias um periodico litterario, de formato pouco inferior ao deste, (fallo do *Domingo*). É redigido por uma senhora e tem o mesmo titulo que este—*O Domingo*.

Troque o *Domingo* remessas com o seu mimoso *cheira*.

—Deu no sabbado passado, no salão do theatro lyrico, um applaudido concerto o excellente pianista Büssmeyer, que já phé se fez ouvir.

—A Companhia Lyrica foi-se.

E eu finalizo estas noticias, escriptas sob um calor de 92 graus, o que me obriga a escrevel-as vestido a pau. Adão com as janellas abertas.

Elogio, o heroe.

O debutante litterario.

(Trad. de Alfric Seaman.)

Quando Deus mandou que o homem crescesse e multiplicasse, é provavel, se não certo, que tratava de uma multiplicação honesta e razoavel crescimento.

Qualquer supposição em contrario, seria, da parte da Providencia, uma inadmissivel injuria, a julgar por a sublime harmonia que reina em todo o universo. Por que motivo então tirou-se o homem do nada e o expozerao ás mil necessidades da vida, se lhe não é dado satisfazer-as? E' muito louvavel que a natureza dê sustento aos fillos das aves, mas parece-nos que os fillos dos homens tem não menos direito que aquelle.

Deus, creando o mundo, marcou-lhe certo numero de habitantes, que o homem, para sua ventura, nunca devera exceder. Se duvidão, leão a historia, consultem a tradição; o que achão? mortaes dedicados á seu chefe, saboreando as doçuras da existencia, atravessando a vida como sobre um tapete de flores, sem pesar, sem saudades, sem inquietação. E' verdade que lá uma ou outra vez sobrevinhão episodios desagradaveis, como o diluvio ou o incendio de Gomorria; mas, quem é que, por uma linda manhã da primavera, esplendidamente illuminada, se inquieta com as manchas que os astrónomos pretendem descobrir no sol? Além d'isso, nenhum rei na terra pode se dizer ao abrigado dos burguezes ataques de defluxo.

Mas ah! á medida que se adiantão os seculos, a humanidade aglomera-se como uma enorme bola de neve. Os tapetes floridos convertem-se em duros e escarpados barrancos; hoje cada um empurra, acotovela e busca prejudicar ao vizinho. Arrede-se que quero passar! é a divisa da moda e o egoismo uma necessidade vital. E como não ser assim, quando qualquer logarsinho vago é disputado por mais de duzentos pretendentes; quando tudo se deseja com ardor sem igual, seja pasta de ministro ou balcão de taverna; quando ha vinte vezes mais advogados que processos á perder, mais pintores que retratos á tirar, mais soldados que victorias á ganhar, mais medicos que doentes á matar; quando todos os empregos são invadidos, cercados, conquistados, escalados?

No tempo do Imperio, quando empregar-se em arrastar a morte constituia uma posição social, o cambão fazia largos descontos n'esta multidão de moços, sem direcção e sem escolha. Porém, actualmente que o humor bellicoso já não é ordem

do dia, só resta á mocidade duas carreiras a seguir: o tribunal e a medicina. Ora, como para chegar-se á tanto, é preciso infallivelmente passar por caminhos nem sempre muito floridos; como, além d'isso, estas duas profissões regorgitão de uma infinidade de pobres diabos que se disputão clientês e doentes com um encarniçamento que cheira á jejum, segue-se que muitas penas aparadas para tomar notas no curso do Sr. Orfila, acabão em rimar elegias, e que muitos quadernos comprados para redigir as lições do Sr. Ducauroy servem afinal para um projecto de *vaudeville*, ou descripção do scenario para um melodrama.

Apesar do axioma latino, não se nasce, poeta; o Sr. de Lamartine não fez versos em cuciros, nem o Sr. de Chateaubriand sandou, á não ser com gritos, o apparecimento do primeiro dente.

Dos tres mil rapazes que da provincia vem para Paris todos os annos, só oito ou dez saltão no pato das diligencias com tenção de se fazer litteratos.

O resto vem no proposito de estudar medicina ou direito e só depois de terem naufragado defronte d'estas sciencias egasto o ultimo vintem é que um bello dia se lembrão de fazer da penna o corcel que os ha de confundir á gloria e embarcão-se jovialmente em seu liteiro, cujas pequenas vagas negras transformão em ondas douradas do Pactolio.

Como a odyssea de um debutante litterario é, com pouca differença, a de todos, vamos contar a historia de Eugenio Préval, moderno debutante. *Ab uno disce omnes.*

Em fins de 1834, Eugenio Préval, com o coração cheio e a bolsa vazia, tomou a diligencia, e, pela primeira vez em sua vida, disse adeus á familia e a pequena cidade de Château-Chinon.

O pae mandava-o á Paris para estudar comportamento e formar-se em bellas maneiras, á razão de cem francos por mez com os quaes devia pagar comida, casa, roupa, lavagem, luz, e despesas miudas. Tres semanas depois da chegada, Eugenio tinha gasto o dinheiro de um trimestre e sentia no coração um odio invencivel ao codigo civil.

Uma noite, para distrair-se, foi ao Gymnasio e vio representar tres peças de Scribe. O acaso collocou-o visinho de dons falladores e elle poude ouvir esta conversa:

—Quanto julga o senhor que paguem á Scribe por estas cousinhas que acabamos de ver?

—Isto rende-lhe talvez de quinhentos á seiscentos mil francos por anno,

—Com effeito!

—Palavra de honra.

—Pauifes de escriptores! e dizião-me que elles todos morrião de fome no hospital.

—Essa é boa! o primo do cunhado do tio do padrinho de meu porteiro é criado de servir de um jornalista; vagão-lhe o ordenado em joias e pedras finas.

—Oh! diabo! Se eu tirasse o meu pequeno da casa do droguista e fizesse d'elle um homem de letras? Quando mesmo só ganhasse cem mil francos para começar, já não era máo!

De volta á casa, nosso heróe faz um auto de fé dos livros classicos e exclama, atirando um desdenhoso olhar á sua mansarda:

—Tambem eu serei litterato!

Eugenio ergueu-se no dia seguinte em estado de *debutante litterario*, isto é, empregou a manhã em rabiscar algumas innocentes folhas de papel, e a tarde em procurar, no *Almanak dos vinte cinco mil endereços*, a morada de todos os jornalistas parisienses. No outro dia entrou elle n'essa vida de decepções e desenganos, onde, para vencer, não é só preciso talento, porém coragem, destresa, astucia, brandura e diplomacia; ardua estrada, que termina em miseria, quando não conduz ao suicidio.

Eugenio Préval foi offerecer seu artigo á *Revue des Deux-Mondes*, que o recusou por immoral; a *Revue de Paris* não o poude admitir por ser de uma moralidade digna do defunto Berquim. O *Siecle*, achou o longo, o *Courrier Français*, muito curto; o *National*, respondeo que aquellas idéas não quadravão com seu programma politico, a *Presse* declarou a prosa de Eugenio eminentemente incendiaria e propria para figurar nas columnas de qualquer folha anarchica. Quanto aos pequenos jornaes, fizerão-se echo de seus grandes collegas e responderão, uns, que era muito insipido, outros muito máo; este que o assumpto era banal, aquelle que o fundo era extravagante o mais possível.

Passarão dous mezes. Eugenio andava diariamente tres á quatro legoas pelas ruas de Paris, indo do quarteirão Saint-Jacques á Chaussée-d'Antin e do arrabalde Saint-Germain ao de Saint-Honoré, aguentando chuva, lama e frio, supportando sem pestanejar as recusas muitas vezes impolidas dos redactores, e as in-

solências dos criados de escriptorio, gente maliciosa como os escreventes e sempre promptos em molestar os sollicitadores. Finalmente, por mais solidas que fossem suas illusões e suas botas, umas e outras, graças aos rudes choques que experimentavão em taes correrias, começaram a gstar-se sensivelmente; Eugenio, pouco animado por estas primicias litterarias, já perguntava á si mesmo se não lhe seria mais proveitoso estudar o direito e ir para a provincia defender a viuva e o orphão á um escudo por pessoa.

Porém, um dia, quando elle subia a rua de Sorbonne melancolicamente, deulhe de repente na vista um annuncio colossal:

«O *Cherubim*, jornal litterario, publicava-se ás quintas-feiras, etc. Preço, 24 francos por anno. Escriptorios, rua Guénégaud, 23 »

—O *Cherubim*, diz o debutante cheio de esperanza; o *Cherubim*, um novo jornal! o unico que não me recusou. Experimentemol-o antes que me corte as asas.

E correu a casa, barafustou no mysterioso antro de sua secretaria e viu que ainda lha restavão duas moedas de cem soldos. O! alegria sobre humana! Era mais do que precisava; e, tomando a sacaca mais nova, voou á rua Guénégaud.

Augusto Gabriel.

(Continúa).

ALBUM.

A VIRGEM NO MAR.

Da luz os claros raios rutilavam
Pelas argenteeas ondas oceánicas.
(Gêmeas. Luctadas.)

A noite era estiva;
A brisa soprava;
Nas ondas vogava
Mimoso batel...
Tranquillo navega
Qual cysna no lago;
Segredo tem mago,
Tem niveo doce!

Nas plainas sidéreas
Saphiras brilhantes,
Luzeiros constant's
D'ingente fulgor;
E jo astro da noite
Sorri luminoso,
Do rosto formoso
Mostrando o pallor.

Formosa donzella,
A' pópa sentada,
Gétil reclinada
No braço formoso,
A's aguas contando

Do peito os queixumes,
A voz dá perfumes
Ao vento saudoso:

«Pra mim, é a vida
«Semente de prantas!
«Não tenho mais cantos,
«Lacera-me a dor!...
«E, hoje, só sinto
«Crumentos espinhos,
«Em vez de carinhos
«A' mea puro amor!...»

«Amei, fui amada,
«Mas, logo, trahida!
«Tão cedo esquecida,
«Sem culpa ter eu!...
«Porem, n'esta lucta
«De dor em que vivo,
«Talvez lenitivo
«Me dêinda o céu!...»

E a barca singrava
Com ar felizoiro...
Alegre barqueiro
A faz velejar;
Nas ondas trampillas,
Nitentes qual prata,
Gétil se retrata
Ao branco luar.

Das aguas no meio,
Em ilha dançosa,
Em dor mihi penosa,
Em jovem jasia;
E a voz, qu'elle ouvira,
De prompto conhece,
Sorri, estremece
De doce alegria.

A' barra, que passa,
Implora: «Soecorro!
«Eu, naufrago, morro
«Dos jua es no meio!...»
E, á voz, que supplica,
A virgem saltava,
A' ilha chegava
Em férvido azeite.

Que doce ventura!
Propicio momento!
Dinal sentimento
Sens peitos agita.
O naufrago jovem,
Já treído julgado,
Vem ser encontrado
Em hora bendicta!

A virgem se prostra,
Perdão supplicando;
Lha falla chorando
Da dor que soffrera...
O jovem, tão fido,
A' tanta ternura,
Com meiga doçura,
Assim respondera:

«Por ventos contrarios
«Meu barco batido,
«A' praia partido!...
«Não vês os destroços?
«Dos dous companheiros,
«Que vinham conmigo,
«O mar por jasso
«Tiveram seus ossos!...»

«Que dias de dores!
«Meu Deus, que tormento!
«Dizia: Lamento
«Não ter eu morrido!
«Mas, ah!... Deus sabia
«Porque o dissera,
«A dor, que soffrera,
«Ao ver-me perdido.»

Agora, já salvo,
Ao longe voemos,
A praia busquemos.
«Ao largo! barqueiro,
«Ao largo! responde,
«Fujamos dos mares,
«Busquemos nos lares
«Reposo fagueiro.»

Maranhão, dezembro de 1873.

S.

A...

E' noite. Tudo dorme,
E a lua prateada
Nos ceos se vem mostrando
De magico esplendor!
E a brisa brandamente
Beijando vae as pétalas
De perfumosa flor!

A fonte se desliza
Em lagrimas fremente,
No seio acalentando
As conchas adormidas!
E além susurra a mata
Chorando as verdes follhas
Do galho desprendidas!

Quem sabe se ella dorme
E agora está sonhando;
Sorrindo á felicidade
De perto lhe acenando?

Criança insonte e linda,
A vida é sempre flores
Si alguma nuvem negra
Offustar teos amores,

Despreza os brilhos fulgidos;
Levanta altiva aos ceos
A tua fronte pallida,
Pois lá existe—Deus!

Elmano Rivarola.

REVISTA DA SEMANA.

Eu também, assim como o immortal Gonçalves Dias, fui testemunha do amigavel duello dos dois acrobatas, os jovens Rio Grandense e Peroba, na quarta-feira 17 do corrente. Ambos trabalharam bem, e, passando a emitir a minha franca opinião, folgo em tecer-lhes os devidos elogios. As honras do duello pertenceram ao Rio Grandense com quanto a medalha de honra fosse distribuída ao Peroba. Os saltos mortaes pelo Rio Grandense foram melhor executados, não só porque ao dançar o fazia com mais esforço e difficil posição, como também por não se apoiar nas mãos na occasião de executar-os.

O Peroba, ao contrario, ao dar o primeiro salto apoiava-se, e dessa maneira pôde sobressalir-se. Não nego o merecimento deste para elevar o daquelle.

O espectáculo dessa noite foi um dos melhores.

O jovem Teixeira tem a sua reputação de artista tão bem firmada que, dispensa qualquer elogio.

No salto da Cachoeira de Paulo Affonso, elle, bem como o Henrique Bahiano, esteve acima de todo encomio e qualquer exigente ou pessimista calará sua censura abafada pela voz da razão.

O jovem Manoelito nos difficeis e arriscados trabalhos equestres esteve sublime! Duas vezes saltou o arco dos punhaes, trabalho mais que arriscadissimo, foi applaudido calorosamente pelo povo, confirmando ainda uma vez a sua reputação de bom artista.

O jovem Mendonça é também merecedor de inumeros elogios pois nos seus trabalhos equilibristas, e pyramidaes houve-se sempre com bastante pericia.

No fim destes trabalhos dos quaes fazia parte o Rio-Grandense já bastante fatigado, surge de novo o amigavel duello com o Peroba: ambos foram applaudidos e aquelle chamado a scena; e no frezei dos applausos airon-se entusiasmado no circo e deu difficeis saltos mortaes dois a dois; foi como sempre festejado recebendo um abraço fraternal do joven Teixeira.

O Rio-Grandense no trabalho da escada ainda portou-se maravilhosamente bem.

Do Sr. Carmo o que poderei dizer? A opinião publica responderá por mim.

Agora o novo Virgilio; deixei-o por ultimo, porém não se enfade com isso pois as ultimas peças são as que mais se gosta.

Merece as sympathias de que goza.

Como artista jamais se lhe poderá negar o merito real que conquistou ajudado do seu talento e de seu trabalho.

Artista como estes honrão ao Brasil que deve exultar de possuir taes filhos.

Teve sabbado lugar a festa da distribuição de premios no collegio de N. S. de Nazareth ás alumnas que mais se distinguiram nos seus exames.

Esteve verdadeiramente magestosa e acima de todo o elogio que possa dispensar-lhe a minha insufficiente penna.

Houve alguns discursos e as candidas meninas receberam sinceros abraços da digna directora que exultava de prazer vendo coroados os seus esforços e galardoados os talentos d'aquellas para quem tem sido sempre uma mãe extremosa.

Domingo houve a mesma festa nos Educandos.

E' fora de duvidas que esse estabelecimento prospera de dia para dia desde que é dirigido pelo honrado ancião o Sr. coronel Raimundo Jansen Serra Lima a quem a provincia muito deve e ainda mais tantos pobres pagas de familias que anteveem para seus filhos um futuro honroso.

Nisto Calisto.

PUBLICAÇÃO Á PEDIDO.

Temos outra vez no nosso porto a Canhoneira de guerra *Araguary*, de que é commandante o distincto maranhense, official da nossa armada, Elzeir Tavares.

A chegada deste navio de guerra no dia 2 do corrente, fez com que ouvíssemos algumas horas depois um interessante dialogo entre dois aprendizes da tanoaria da rua do Trapixe, os quaes, a guiza do *macaco* e o *papagaio* da rua Grande, fallavam um ao outro sobre o movimento observado na visinhança; pois mal se verificou ser navio de guerra que se vio logo extraordinaria agitação e a correr de um para outro lado da rua com grande acodamento, primeiro, um moço não muito alto, nem muito magro, estatura quase regular, de olhos vivos, com espinhas pelo rosto e algumas bem pronunciadas pela pescoço, cor avermelhada, e phisionomia de collegial que estuda philosophia, a correr sempre, a maneira de quem quer aproveitar algum lance por de mais venturoso; depois outro logo, no mesmo gosto das carreiras, baixote bem socado, olhos cor de pelle de gato maltez, moreno, um tanto chegado á pallidez, com feições de capellão que já acompanhou tres enterros; exforçados ambos em preparar commodos para visgarem em casa a officialidade do navio de guerra, qual dos dois imaginando já os grandes lucros pelo horizonte do negocio, e advinhar o que behérá este ou comerá aquelle official, se algum houverá que goste de banhos de meio corpo, os taes *Semicupios*, hoje tão recommendados aos

que voltão de uma viagem: em uma palavra, era um verdadeiro *farret opus*, de que só podia inferir-se que os dois alliados pelo commercio esperavão hospedes como a rainha da Inglaterra ou o Sha da Persia.

Notarão tudo isto os dois aprendizes, que amiudadas vezes vinhão á porta da tanoaria, quando de um d'ellos parte um grito—oia, Jeremias, como anda também correndo aquelle branco gordo, baixo, que não tem pescoço, que dá fava podre por feijão pra soldado, que é com o manceiro desse branco, que tem um oio mais largo que o outro; oia como elle vae correndo, e dizendo que venda cabo e aleitão quem quisé, que elle só que vendé sua fava e seu toucinho. A isto observou Jeremias, o outro aprendiz—Samuel, Samuel. . . toma tenença, mete tua lingua pra dentro, de tua boca, não te enporta com vida de branco.

Samuel, porém, sempre mais curioso, chega de novo á porta e voltando acrescenta á Jeremias—Tu qué sabé? eu pensa branco já sorregou, porque tres officia de maninha já está arrumado na porta d'elle e outro dos quartéis já vae pra casa desse de fava e mais toucinho.

A este tempo surge á porta um homem do tanoaria, e com ares de Vasco da Gama pôe termo a todo o dialogo, mandando logo e aprendiz Jeremias comprar 4 libras de arroz.

Este volta logo sobraçando o genero, e oia-o que sobre immenso rallo do ancião, que ordena-lhe vá engeitar o arroz, por ser inglês e fazer desenvolver o beriberi.

Quando Jeremias vai saindo pergunta-lhe o ancião—onde comprastes tu esse arroz? Responde o aprendiz—Eu comprei em casa d'esse branco que vende comê pra soldado e elle diz que nos quartéis tudo gosta desse arroz, de fava que elle vende por feijão, de sebo que elle vende por manteiga, e de peixe arido que elle tem. Eu não quero saber de historias, gritou o ancião. Se deixão que os pobres soldados comão sebo por manteiga, e fava por feijão, não quero para mim esse arroz, pois pela minha barriga sou o competente para tomar interesse. Entrega-lhe o arroz, traz o diabinho, e está tudo acabado.

Eis, amigo redactor, o que ouvimos e nos apressamos a contar-lhe.

Y.

AVISO.

Por motivos que não podemos obstar deixon de sabir este jornal no domingo 21 do corrente; pedimos porisso desculpa aos Srs. assignantes e vamos nos esforçar para que esta falta não se reproduza.

Sinceramente agradecemos as redacções dos periodicos *Campeão* e *Proletario* as remessas que nos fizeram dos mesmos.

Maranhão—Typ. do País—Imp. M. F. V. Pires.